



DARCOS

temporada 2025

18ª edição

PROGRAMA

FOLIAS

LANÇAMENTO DE CD

10 janeiro sexta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

IMPRESSÕES ÍNTIMAS

8 fevereiro sábado / 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras

MASSIMO SPADANO & ENSEMBLE DARCOS

15 março sábado / 18:30

Museu do Dinheiro, Lisboa

16 março domingo / 17:00

Hotel Dolce Camporeal Lisboa by Wyndham,
Torres Vedras

EUROPA SINFÓNICA BERLINER SYMPHONIKER

ALEMANHA

13 abril / domingo, 15:30

Philharmonie, Berlim

23 abril / quarta-feira, 21:00

Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra

24 de abril / quinta-feira, 21:00

Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa

CAMÕES NA ETERNIDADE DO TEMPO

8 maio / quinta-feira, 21:30

Centro de Artes e Criatividade, Torres Vedras

9 maio / sexta-feira, 21:00

Pavilhão de Portugal, Lisboa

GRANDES QUARTETOS I

20 junho / sexta-feira, 21:30

Igreja do CAS Runa, Torres Vedras

21 junho / sábado, 19:00

Museu Nacional de História Natural e da Ciência,
Lisboa

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO CANTE

3 julho / quinta-feira, 20:00

São Luiz Teatro Municipal, sala Luis Miguel Cintra

4 julho / sexta-feira, 21:30

Adega de São Mamede da Ventosa, Torres Vedras

PRÉMIO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO DARCOS

3ª EDIÇÃO

18 julho / sexta-feira, 21:30

Átrio da Câmara Municipal de Torres Vedras

CANTO DE OUTONO

11 outubro / sábado, 18:00 e 21:30
Espaço Darcos, Torres Vedras

ESTÁGIO ORQUESTRAL DARCOS CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN DE BRAGA

24 outubro / sexta-feira, 21:00
Auditório Adelina Caravana, Braga

EUROPA SINFÓNICA WIENER CONCERT- -VEREIN ÁUSTRIA

3 novembro / segunda-feira, 19:00
Musikverein Brahms Zaal, Viena

5 novembro / quarta-feira, 21:30
Teatro-Cine Torres Vedras

6 novembro / quinta-feira, 21:00
Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa

GRANDES QUARTETOS II

6 dezembro / sábado, 19:00
Museu Nacional de História Natural e da Ciência,
Lisboa

7 dezembro / domingo, 17:00
Hotel Golf Mar, Porto Novo, Torres Vedras

MASTERCLASSES

11 e 12 março
ESML - Lisboa
Massimo Spadano violino

20 e 21 outubro
Conservatório de Música Calouste
Gulbenkian de Braga

Filipe Quaresma violoncelo

20 e 21 outubro
Conservatório de Música Calouste
Gulbenkian de Braga

Nuno Côrte-Real composição

7 e 8 de novembro
Escola Artística de Música do Conservatório
Nacional de Lisboa
Megan Kahts canto

EUROPA SINFÓNICA EM DIGRESSÃO

PILSEN PHILHARMONIC
ORCHESTRA
REPÚBLICA CHECA

20 fevereiro / quinta-feira, 19:00
Měšťanská beseda, Pilsen, República Checa

TEMPORADA DARCOS 2025

18ª EDIÇÃO

BERLINER SYMPHONIKER & WIENER CONCERT-VEREIN

2025 adivinha-se globalmente um ano instável, imprevisível, tenso. A escalada dos extremismos, da violência, da desinformação, da unilateralidade, do messianismo, da estupidez... deixa-nos perplexos e apreensivos. O que podemos contra isso? Pouco, sem dúvida, mas pouco é melhor que nada. Propomo-nos, pois, a continuar na mesma linha, a celebrar a música e com ela a concórdia, a harmonia, o concerto dos povos. Em 2016 iniciámos o ciclo *Europa Sinfónica*, destinado a promover a apresentação em Portugal de prestigiadas orquestras europeias. O sucesso do projeto e a sua relevância para a vida musical portuguesa levam-nos a ambicionar mais. No ano de 2025, a Temporada Darcos ficará marcada pela visita de duas excelentíssimas orquestras europeias. De Berlim, acolheremos a célebre **Berliner Symphoniker**, uma das orquestras mais icónicas daquela cidade, e de toda a Alemanha, que protagoniza uma intensa atividade na capital alemã, além de digressões por todo o país e pelo estrangeiro. É, aliás, uma das três orquestras residentes na *Phillharmonie* de Berlim, uma das salas mais importantes do mundo, conhecida pela sua excecional acústica e arquitetura singular. De Viena, sem dúvida a capital mundial da música clássica, apresentaremos a orquestra de câmara **Wiener Concert-Verein**, um dos mais notáveis agrupamentos austríacos da atualidade, formado por uma plêiade de músicos oriundos das mais prestigiadas orquestras vienenses, como a *Sinfónica de Viena* ou a *Orquestra da Radio*. Com uma formidável atividade naquela cidade, assim como por toda a Áustria e estrangeiro, a *Wiener Concert-Verein* é uma das poucas orquestras residentes no *Musikverein*, outro palco

icónico da música ocidental. Construído em 1870, o *Musikverein* reúne a beleza arquitetónica à excelência acústica, e tem sido o local privilegiado onde solistas e orquestras realizam as suas gravações discográficas. Alemanha e Áustria, dois dos países com mais tradição musical clássica, participarão na **TEMPORADA DARCOS 2025** em vários palcos nacionais, como a Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, o Centro Cultural Olga Cadaval e o Teatro-Cine de Torres Vedras, projetando internacionalmente o trabalho desenvolvido nos últimos anos pela própria TEMPORADA aqui e além-fronteiras. Para completar este *menu* clássico verdadeiramente excepcional, participam ainda na edição de 2025 o violinista italiano **Massimo Spadano**, músico com uma carreira internacional notável, não só como violinista, mas também como maestro e pedagogo; a internacionalíssima soprano portuguesa, **Ana Quintans**; a estrela ascendente do canto lírico Vienense, **Megan Kahtz**; o notável violoncelista português, **Filipe Quaresma**; e o **Ensemble Darcos** que nesta 18ª edição da TEMPORADA DARCOS, apresentará diversos programas que revelam a extrema versatilidade do grupo em todo o seu virtuosismo. Cruzando a poesia e a música, a TEMPORADA DARCOS 2025 apresentará dois recitais intimistas, com o pianista, **Helder Marques**, e os atores, **Manuela Couto** e **Vítor D'Andrade**. Por último, destaque para as diversas parcerias com instituições e organismos musicais nacionais, nomeadamente a **Orquestra Sinfónica Portuguesa**, o **Coro do Teatro Nacional de São Carlos**, o **Coro Ricercare**, e o **Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga**. Pela nossa parte, desejamos a todos um bom ano, e bons concertos. E que a música possa iluminar um pouco este mundo que se antevê algo sombrio.

Nuno Côrte-Real

maestro, compositor e curador

“A criação humana de um poeta, de um cientista ou de qualquer artista funda-se no mesmo fenómeno: o das relações que estabelecemos com os outros.”

Martins, Guilherme d'Oliveira. "A Cultura como horizonte de liberdade" - JL - Jornal de letras, artes e ideias. ISSN 0872-3540. Ano XLIII, n.º 1389 (2023), p. 24 a 27

Celebrar o tempo das relações: o tempo poético, o tempo do encontro

Foi sob proposta de Nuno Côrte-Real que, em 2006, a Temporada Darcos nasceu e, ontem como hoje, é através da intensidade do seu gesto que, a cada ano, renasce. É única naquilo que a distingue e, pelo mesmo motivo, na sua promessa de devir... Cada nova edição acrescenta ao legado recebido o sonho de quem lhe dá corpo. E esta rede rizoma, em permanente expansão, cresce organicamente tocando comunidades diversas, para além da referência germinal. Torres Vedras, Lisboa, Sintra, Braga, Berlim, Viena, Pilsen, as diversas instituições que nelas se ancoram, os múltiplos micro-lugares que à sua sombra se abrigam, os plurifacetados projetos artísticos que nelas pulsam, passam, assim, a interligar-se por fios invisíveis, tecendo uma malha de relações que aproxima pessoas e culturas. Ano após ano, sem fazer vénias à vulgaridade, assumindo outrossim a complexidade como convite à descoberta, ao maravilhamento e ao espanto, a Temporada Darcos inscreve a música como parte da vida das pessoas comuns e cria contextos existenciais para que cada um se encontre com os outros fazendo

brotar novas possibilidades, alimentando desejos e aspirações, abrindo caminho para (re)imaginar o futuro. Contribui, por isso, para cimentar um dispositivo que renova sociabilidades.

A Temporada Darcos é movida por um propósito e animada por uma quimera, projetando uma singular visão ética, poética e estética de habitar o mundo. Pode ser descrita como um sistema multinível, onde se reconhecem princípios como a interdependência e a sinergia. As suas reverberações são múltiplas. O edifício suporta-se em pilares estruturantes e complementares: apoio à criação contemporânea impulsionada por encomendas de obras originais e pelo Prémio Internacional de Composição Darcos; promoção da circulação e difusão de obras de referência; acessibilidade à fruição da música na sua irredutível pluralidade - intuída enquanto património comum - abraçando diferentes audiências numa lógica de democratização cultural e de serviço público de cultura; capacitação e qualificação artísticas através do Estágio Orquestral Darcos, da realização de masterclasses, mas também por via de projetos de cruzamento interdisciplinar e interpocal; mediação artística e cultural; salvaguarda e constituição de acervos e, incremento da cooperação interinstitucional elicitadora da mutualização de recursos e expressa, entre outras, na feitura de coproduções. A título exemplificativo, na presente edição, ergue-se uma ponte entre a Darcos e a Universidade de Lisboa para evocar os 500 anos do nascimento do "uomo universale", Luís Vaz de Camões (1469-1524).

Celebremos a "Eternidade do Tempo" ("Esse grande escultor")!

Ana Clímaco Umbelino

Vereadora da Cultura



1% do seu **Inclua a**
IRS Temporada Darcos
na sua declaração
de Rendimentos.

1% do seu
IRS

**Inclua a
Temporada Darcos
na sua declaração
de Rendimentos.**

Sem qualquer custo para si, pode doar 1% do seu IRS.

Basta seleccionar no modelo 3, quadro 11, a opção "Instituições Culturais com Estatuto de utilidade pública (art.º 152 do CIRS) e colocar o **NIF 506911802**.

Muito obrigado pelo seu apoio.

FOLIAS

LANÇAMENTO DE CD

10 de janeiro sexta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

bilhetes à venda nos locais habituais

CELEBRAÇÃO DO ANO NOVO
COM A ENERGIA DAS DANÇAS
TRADICIONAIS PORTUGUESAS!

F. Lopes-Graça (1906 – 1994) /

/ **S. Azevedo** (n. 1968)

Horas pastoris

para violino, viola, violoncelo e e piano

I. Prelúdio

II. Idílio

III. Marchinha

IV. Endecha

V. Prestissimo

VI. Arrolo

VII. Dança Campestre

N. Côrte-Real (n. 1971)

Novíssimo Cancioneiro "Folias" –

- Livro Terceiro, op.71

I. Laço I

II. Farrapeira

III. Vira

IV. Chula

V. O Velho

VI. Vareira Picada

VII. Saias

VIII. Laço II

IX. Verde Gaio

X. Fandango

XI. Solução Medieval

XII. Laço III

XIII. Cantiga Bailada

XIV. Bailarico

XV. Baile Mandado

XVI. Gota

XVII. Corridinho

XVIII. Laço IV

Nuno Côrte-Real maestro

Pedro Teixeira maestro do coro

CORO RICERCARE

ENSEMBLE DARCOS

Depois do *Livro Primeiro, op.12* (versando sobre repertório de norte a sul do país e, ainda, da Galiza) e do *Livro Segundo, op.57* (integralmente dedicado ao cante alentejano da cidade de Serpa), chega-nos o lançamento do CD do *Livro Terceiro do Novíssimo Cancioneiro* de Nuno Côrte-Real (1971), dedicado às danças tradicionais portuguesas, pela mão do Coro Ricercare e do Ensemble Darcos, parceria que, ao longo dos anos, tem-se revelado frutífera, e a quem devemos a estreia e gravação dos referidos livros. Longe vão os tempos em que a *Política do Espírito* de António Ferro (1895-1956) produziu uma imagem idealizada da arte popular ao serviço propagandístico do Estado Novo, enfatizando a pretensa unidade identitária de um universo rural matizado. Ao longo das últimas décadas, a música e a dança, enquanto expressões da alma, representando a identidade social de uma comunidade, em ambientes marcados pela pobreza, idiossincrasias do universo masculino e feminino, interpenetração do sacro e do profano, exclusivamente assentes na tradição oral, foram sendo expostas à permanente mutação e recriação

Este fenómeno, que se convencionou chamar de cosmopolitismo, parte da tradição, enquanto legado imaterial transmitido, respeitado mas mutável, identidade e autenticidade, enquanto genuíno e inalterado. Neste domínio, muitos foram os compositores que convocaram discursos musicais externos, conferindo uma dimensão superlativa a este património identitário, dos quais Fernando Lopes-Graça (1906-1994) é, unanimemente, a figura tutelar. *Horas Pastoris* resulta da encomenda da Fundação Dom Luís I a Sérgio Azevedo (1968), no âmbito da evocação dos 111 anos do insigne compositor (1906-2016), tendo sido estreada a 16 Dezembro de 2017, pelo *Moscow Piano Quartet*. Os 7 andamentos desta suite constituem, no dizer do compositor, a uma abordagem "livre mas respeitando o espírito original", de obras para piano de Lopes-Graça.

No *Livro Terceiro do Novíssimo Cancioneiro*, Côrte-Real revisita o fandango, a chula, a chotiça, e tantas outras que configuram-se como exemplares do pulsar tradicional português, partindo da *Folia*, dança presumivelmente de origem ibérica, cuja primeira referência surge pela mão do dramaturgo Gil Vicente (fl. 1465-1536). Narrativa abstrata e não linear, este *Livro Terceiro* procura uma dinâmica musical em que a palavra assume-se como veículo expressivo da fonética ganhando uma dimensão percussiva, igualmente confiada ao coro, deles exigindo que batam com os pés, palmas, paus e façam estalidos.

IMPRESSÕES ÍNTIMAS

COM APRESENTAÇÃO
DE NUNO CÔRTE-REAL

8 de fevereiro sábado / 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras
entrada gratuita mediante inscrições

F. Mompou (1893 – 1987)

Impressões Íntimas

com poesia de Eugénio D'Ándrade, Carlos
Oliveira, Sophia, Emanuel de Sousa, Fernando
Guimarães, Nuno Júdice e David Mourão
Ferreira

Manuela Couto declamação

Helder Marques piano

A identidade e a intimidade são construções históricas, erigidas por meio de discursos e práticas que, ao longo dos séculos, em diferentes sociedades, assumiu uma configuração própria. Ao circunscrevermos a experiência individual, do que é ser, do que é interior, cruzamos a fronteira do uno e indiviso em direção ao plural, ao exterior, diferentes níveis da expressão da relação com o outro, o afeto, o amor, a revelação. Na sociedade pós-moderna, ser-se visto e comentado por incontáveis olhares, em que o horizonte e a materialidade discursiva da tecnologia digital parece incitar a uma miríade de discursos, verbais e visuais, um vortex social, (re)configurou-se o que, historicamente, denominamos de intimidade. Estamos mais próximos mas, nem por isso, mais íntimos.

Dizia Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), a propósito de Fernando Pessoa (1888-1935) "A missão do poeta não é ser sincero, mas ser verídico", o poeta é "o confessor de toda a gente". E neste ato de contrição, Nuno Côrte-Real (1971) escolheu poesia de Sophia de Mello Breyner (1919-2004), Carlos Oliveira (1921-81), Eugénio d'Andrade (1923-2005), David Mourão Ferreira (1927-1996), Fernando Guimarães (1928), Nuno Júdice (1949-2024) e Emanuel de Sousa para ilustrar esta voz interior, qual vocalidade maternal uterina.

É neste ambiente que emerge a música de Frederic Mompou i Dencausse (1893-1987), figura singular do séc. XX espanhol. O seu ideal estético, "uma música que é a voz do silêncio", sem lacunas nem ornamentos, era assumidamente inspirado no verso de São João da Cruz (1542-1591) "música tranquila". Não por acaso, a sua primeira obra, publicada em 1920 e revista em 1959, um conjunto de 9 miniaturas para piano solo, escritas entre 1911 e 1914, tem como título *Impresiones íntimas*. Influenciado pelo impressionismo francês, particularmente pelo minimalismo de recursos invocados por Erik Satie (1866-1925) e Gabriel Fauré (1845-1924), Mompou transporta o ouvinte para um universo musical discreto, de emoções delicadas e gestos contidos, a essência do ser. Minimalista na forma, as peças assentam em melodias de natureza introspectiva, acompanhadas por um contraponto suave de progressões harmónicas.

Estes elementos servem para criar uma sensação de intimidade e vulnerabilidade em toda a coleção, como se o compositor estivesse a sussurrar pensamentos e emoções pessoais. A música evoca uma sensação de introspecção e contemplação, convidando os ouvintes a explorar as suas próprias memórias e sentimentos, numa conexão profunda e ressonância emocional com a música.



MASSIMO SPADANO & ENSEMBLE DARCOS

15 março sábado / 18:30
Museu do Dinheiro, Lisboa
entrada gratuita*

16 março domingo / 17:00
Hotel Dolce Camporeal Lisboa by Wyndham,
Torres Vedras
entrada gratuita

R. Strauss (1864 – 1949)
Till eulenspiegel einmal anders!
(Arr. Franz Hasenoehrl)

N. Peixoto de Pinho (n. 1980)
A dança do velho lobo

L. V. Beethoven (1756 – 1791)
Septeto em Mib Maior, op. 20
I. Adagio - Allegro con brio
II. Adagio cantabile
III. Tempo di minuetto
IV. Tema con variazione - Andante
V. Scherzo. Allegro molto e vivace
VI. Andante con moto alla marcia

Massimo Spadano violino
ENSEMBLE DARCOS

*mediante levantamento de bilhete 15 min. antes
(sujeito à lotação da sala).

De forte pendor imagético, com um excepcional sentido da dramatização e colorido orquestral, o humorado poema sinfónico *Till Eulenspiegel lustige Streiche* [As Alegres Travessuras de Till Eulenspiegel], op.28, de Richard Strauss (1864-1949), narra as desventuras de Till, figura irreverente do folclore medieval alemão, aqui personificado por 2 motivos melódicos: um heróico ascendente (tocado pela trompa) e outro curto, qual gargalhada (tocado pelo clarinete). Após sucessivos episódios, Till é capturado, julgado e enforcado. Escrito entre 1894-95, seria estreado a 6 de Maio de 1895 pela *Orquestra Gürzenich* de Colónia, sob direção de Franz Wülner (1832-1902). No concerto de hoje ouviremos *Till Eulenspiegel einmal anders!* [Um outro Till Eulenspiegel!], adaptação do poema sinfónico original para violino, clarinete, trompa, fagote e contrabaixo, da autoria de Franz Hasenoehrl (1885-1970), que a apelidou de grotesco musical e a estreou em 1954.

Natural de São João da Madeira, e licenciado em Composição pela Escola Superior de Música do Porto, Nuno Peixoto de Pinho (1980) foi o vencedor da 2ª edição do Prémio DARCOS 2024. Para clarinete solista, *A Dança do Velho Lobo* é dedicada ao avô, "homem vivo e enérgico que luta, sofre, ama e vence". A obra está estruturada à volta de três elementos orgânicos, Vida, Recordar e Evolução, evocativos da adolescência e passado recente do compositor. Nesta deambulação biográfica, de discursividade musical de forte predominância rítmica e agressividade tímbrica, chegam-nos ecos do grupo rock Metallica e, por último, do compositor espanhol Mauricio Sotello (1961), confessada influência musical de Peixoto do Pinho.

Dedicado à imperatriz Maria Teresa de Bourbon (1772-1807), que nutria uma singular predileção por música com sete instrumentos, o *Septeto em Mi bemol maior, op. 20*, de Ludwig van Beethoven (1756-1791) foi concluído em meados de 1800 e estreado a 2 de Abril desse ano, no Hoftheater de Viena, num concerto que incluiu a 1ª audição da *Sinfonia nº. 1, op.21*. Organizado em 6 andamentos, para um ensemble de instrumentos peculiar, violino e clarinete (verdadeiros protagonistas ao longo da obra), fagote, trompa, viola, violoncelo e contrabaixo, apresenta uma verve melódica própria do universo estilístico do classicismo vienense do século XVIII, ainda longe da linguagem disruptiva, de pendor romântico, que caracterizaria a música de Beethoven e revolucionaria o panorama musical europeu do século XIX.

A portrait of Nuno Côrte-Real, a man with long, wavy brown hair and glasses, wearing a dark blue button-down shirt. He is sitting on a wooden chair, leaning forward with his arms resting on the chair's back. The background is a blurred outdoor setting.

EUROPA SINFÓNICA

BERLINER SYMPHONIKER

ALEMANHA

13 de abril / domingo, 15:30
Philharmonie, Berlim

23 de abril / quarta-feira, 21:00
Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra
bilhetes à venda nos locais habituais

24 de abril / quinta-feira, 21:00
Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa
entrada gratuita

W. A. Mozart (1756 – 1791)
Abertura da ópera "Don Giovanni"

N. Côrte-Real (n. 1971)
Sinfonia 2022
I. In search of darkness
II. Song of death
III. Nuclear marching band
IV. I know not what tomorrow will bring

J. Brahms (1833 – 1897)
Sinfonia Nº 1, em Dó menor, op. 68
I. Un poco sostenuto - Allegro
II. Andante sostenuto
III. Un poco allegretto e grazioso
IV. Adagio - Più andante - Allegro non troppo, ma con brio - Più allegro

Nuno Côrte-Real maestro
BERLINER SYMPHONIKER

Considerada como uma das principais orquestras da Alemanha, a *Berliner Symphoniker* começou a sua actividade em 1967, sendo então denominada *Symphonisches Orchester Berlin*. Renomeada em 1990, é a 1ª vez que actua em Portugal.

Don Giovanni, k.527, é a segunda das três óperas escritas por **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791) em colaboração com o libretista Lorenzo Da Ponte (1749-1838). Estreada a 29 de Outubro de 1787, no Teatro Nacional de Praga, trata-se de um *drama giocoso*, uma extraordinária fusão de comédia, melodrama e elementos do sobrenatural. A **Abertura**, hoje em concerto, está dividida em dois momentos: um *Andante*, que remete para o final da ópera, com os mesmos motivos melódicos e harmónicos, o *Comendador* morto em duelo por *Don Giovanni*, regressará do mundo dos mortos para o levar para o Inferno; e um esfuziante *Molto allegro*, em forma sonata, com uma dimensão luminosa, ainda que pontuado por momentos de tensão e ambivalência entre os modos maior e menor.

A *Sinfonia 2022*, de Nuno Côrte-Real (1971), resulta de uma encomenda do Teatro Nacional de São Carlos, aí tendo estreado a 13 de Janeiro de 2023, pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigida pelo compositor. Obra de carácter "sombrio, tétrico e ominoso", nas palavras de Côrte-Real, é uma "visão pessoal e espiritual" sobre a indefinição violenta que fustiga a civilização, sem abdicar da sua imagética plena de ironia. O 1º andamento apresenta um ostinato que nos suga para um vortex, o 2º, de pendor mahleriano, o 3º andamento, uma marcha grotesca rumo à destruição total, e um 4º andamento, uma reflexão emotiva sobre a natureza do tempo.

Concluída em finais de 1876, após um longo processo criativo de mais de 20 anos, a *Sinfonia n.º 1*, em *Dó menor*, op. 68, de Johannes Brahms (1833-1897) estreou a 4 de Novembro de 1876, no *Großherzogliche Hoftheater de Karlsruhe*, sob direcção de Felix Otto Dessoff (1835-92). À época, Brahms era encarado como o herdeiro de Beethoven (1770-1827) e da tradição sinfónica germânica, por oposição à música do futuro (a progressiva dissolução da forma e da harmonia tradicional) de Liszt (1811-86) e Wagner (1813-83). De arquitetura musical sólida, a sinfonia assenta numa série de quadros sonoros contrastantes, de subtilidades rítmicas, cores e planos sonoros originais, partindo da habilidade de Brahms para trabalhar os temas melódicos.

Junto à entrada do Refeitório do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, existe um relevo pétreo retratando Cristo atado a uma coluna. Daí surgiu o mote para a encomenda que a direção do monumento nacional fez a Nuno Côrte-Real (1971) para celebrar o V Centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões (1524-1580), que aí repousa, pelo menos em espírito, num cenográfico túmulo diante de outro, o de Vasco da Gama (1469-1524). Em *Se misericórdia e amor não vos atara*, Côrte-Real recupera o soneto homónimo, primeiro recitado, depois cantado, envolto num panejamento musical a seu tempo onírico, apaixonado, tenso, abrupto, pulsante e discordante, num jogo tímbrico de grande lirismo.

Time Stands Still resulta de uma encomenda do Centro Cultural de Belém para o Festival Dias da Música, em 2019, aí tendo estreado, a 27 de Abril. Sete canções do compositor renascentista inglês John Dowland (†1626) são intercaladas com outros tantos interlúdios instrumentais de Nuno Côrte-Real, dedicados a amigos do seu universo pessoal. Como então afirmou “Apesar de já estarmos longe desse período da História, há, porém, uma certa melancolia nas entrelinhas do nosso tempo que tornam estas canções vivíssimas”.

A sobriedade de Dowland resplandece em cada canção, contrastantes entre si, ora melancólicas ora animadas, mas sempre expressivas, baseando-se nas duas danças então em voga, a pavana (lenta) e a galharda. Os interlúdios revelam a pluralidade de Côrte-Real, a inspirada aproximação a universos musicais distintos, numa saborosa simbiose, informal e descomplexada.

Da pureza cristalina da música de John Dowland, Nuno Côrte-Real reflexiona e reflete. Não imita, não distorce. A imagem de um espelho duplo, em que Dowland se vê enclausurado nuns modernos jeans e Côrte-Real num imponente rufo branco plissado, um olhar contemporâneo sobre o antigo. Mas, não se confunda contemporaneidade com modernidade. Ambos autores são modernos, cada um circunscrito a uma contemporaneidade do tempo histórico que habitam. São ambos *musicus poeticus* na sua mundividência, na sua evasão da realidade, procurando o infinito, o gesto teatral, volvendo numa espiral de tensões e distensões, numa magnificência singelamente natural, sem subterfúgios supérfluos.

Como nos diz Afonso Miranda, “a obra conclui com uma meditação sobre o mistério do tempo, a imobilidade da mudança, a eternidade”. O Tempo está parado.

8 de maio / quinta-feira, 21:30
Centro de Artes e Criatividade, Torres Vedras
entrada gratuita

9 de maio / sexta-feira, 21:00
Pavilhão de Portugal, Lisboa
entrada gratuita

N. Côrte-Real (n. 1971)
"Se misericórdia e amor não vos atara"
Poema inédito de Luis de Camões descoberto
por Nuno Júdice

J. Dowland (1563 – 1626) / **Nuno Côrte-Real** (n.1971)

Time Stands Still

- I. Mr. Sérgio Azevedo's Prelude*
- II. "Come again! sweet Love doth now invite"*
- III. Mr. António Pinho Vargas Pavan*
- IV. "Flow, my tears"*
- V. Mr. Artur Ribeiro's Air*
- VI. "Awake, sweet love"*
- VII. Mr. Mats Lidstrom his Fantasia*
- VIII. "I saw my lady weep"*
- IX. Sir Christopher Bochmann his atonal transition*
- X. "Shall I sue"*
- XI. Mr. Eurico Carrapatoso's Fugue*
- XII. "Weep you no more, sad fountains"*
- XIII. Lady Maria João's Improvisation*
- XIV. "Time stands still"*
- XV. "I Know not what tomorrow will bring"*
(Fernando Pessoa's last written words on the day of his death)

Ana Quintans soprano
Vítor D'Andrade declamação
Nuno Côrte-Real direção musical
ENSEMBLE DARCOS

CAMÕES NA ETERNIDADE DO TEMPO

co-produção entre Temporada Darcos
e Universidade de Lisboa no quinto
centenário do nascimento do poeta



GRANDES QUARTETOS I

20 de junho / sexta-feira, 21:30
Igreja do CAS Runa, Torres Vedras
entrada gratuita

21 de junho / sábado, 19:00
Museu Nacional de História Natural e da Ciência,
Lisboa
entrada gratuita

I. Stravinski (1882 – 1971)
Três peças para quarteto de cordas

A. Pinho Vargas (n. 1951)
Quarteto de cordas Nº 3

C. Debussy (1862 – 1918)
Quarteto de cordas em sol menor, op. 10

I. Animé et très décidé

II. Assez vif et bien rythmé

III. Andantino, doucement expressif

IV. Très modéré – Très mouvementé et avec passion

ENSEMBLE DARCOS



Escritas no alvor da I Guerra Mundial, as *Três Peças para Quarteto de Cordas* de Igor Stravinsky (1882-1971) foram concluídas em Setembro de 1914, sendo estreadas a 8 de Novembro do ano seguinte, em Chicago. Viriam a ser revistas em 1918 e publicadas em 1922. Miniaturas estanques, com um vocabulário musical que hoje denominaríamos de minimalista, pela concisão de recursos apresentados, as *Três Peças* exploram as possibilidades tímbricas dos instrumentos de corda. A 1ª peça assenta numa nota pedal, qual sanfona, e de uma melodia evocativa do folclore russo. A 2ª peça é inspirada na atuação do palhaço de *music hall* inglês, *Little Tich* (1867-1928), com padrões fragmentados e os *pizzicati*, qual gargalhadas. O último andamento é de pendor elegíaco, canto litúrgico obscuro e dissonante.

O *Quarteto de cordas n.º 3*, de António Pinho Vargas (1951), resulta de uma encomenda do Instituto Superior Técnico, aí sendo estreado, pelo Quarteto de Cordas de Matosinhos, no âmbito do 37.º Festival de Música do Estoril, a 12 de Julho de 2012. Nas palavras do compositor, cada peça constitui “estar-lançado”, baseada na “liberdade do ato criativo” como “gerador dos materiais e organizador, tanto das suas relações, como da forma”. Tal como faz questão de sublinhar, “o percurso narrativo ou discursivo de cada um dos dois andamentos da peça” constituem uma “metáfora comum”, um percurso da ordem para uma “certa forma de caos”, convidando cada ouvinte “à percepção sensível”, uma significação específica, e “certamente diversa” desses conceitos.

Em Agosto de 1893, Claude Debussy (1862-1918) escrevia ao seu amigo André Poniatowski “Penso que, finalmente, te posso mostrar o último andamento do quarteto, que me tem atormentado desde há muito”. Debussy referia-se ao *Quarteto de cordas em sol menor, op.10, L91*, obra seminal do impressionismo europeu, cuja composição iniciara um anos antes. Audaciosamente revolucionário, Debussy reconfigurou a canónica arquitetura musical germânica, dela fazendo *tabula rasa*, baseando-se no princípio cíclico temático-motívico, assente em variações e subtis transformações harmónicas ao longo de toda a obra. O tema do 1º andamento é a base dos diversos componentes temáticos da restante obra, sendo de destacar o longueurs e sensualidade do 3º andamento, bem como o ritmo fervilhante do *scherzo*, numa conjugação magistral de texturas tímbricas. Viria a estrear, na Salle Pleyel de Paris, a 29 de Dezembro de 1893, pelo prestigiado quarteto do violinista Eugène Ysaÿe (1858-1931), a quem a obra é dedicada.

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO CANTE

Em parceria com São Luiz Teatro Municipal, Festival Estoril Lisboa, Câmara Municipal de Serpa e o Museu do Cante de Serpa, celebrando os 10 anos de património universal

3 de julho / quinta-feira, 20:00

São Luiz Teatro Municipal, sala Luis Miguel Cintra
bilhetes à venda nos locais habituais

4 de julho / sexta-feira, 21:30

Adega de São Mamede da Ventosa, Torres Vedras
entrada gratuita

E. Carrapatoso (n. 1962)

Liaços, contradanças e descantes

N. Côrte-Real (n. 1971)

Cante (Novíssimo Cancioneiro - Livro Segundo)

I. Ó Serpa, pois tu não ouves?

II. Menina que estás à janela

III. Estrelinha do norte

IV. Vou-me embora, vou partir

V. Alentejo, que és nossa terra (instrumental)

VI. Lindo ramo verde escuro

VII. O Lírio roxo

VIII. Serpa que és minha terra

IX. O Alecrim (instrumental)

X. Ó rama, ó que linda rama

XI. Os olhos da Marianita

XII. Adeus, ó vila de Serpa

Nuno Côrte-Real maestro

Pedro Teixeira maestro do Coro

CORO RICERCARE

ENSEMBLE DARCOS

Na icónica Sala Luís Miguel Cintra (1949), do histórico Teatro São Luiz, em parceria com a Câmara Municipal de Serpa e o Museu do Cante de Serpa, chega-nos a celebração dos 10 anos da elevação do Cante alentejano a Património Cultural e Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a 27 de Novembro de 2014. Como exemplarmente definido na candidatura então apresentada, o “(can)to da (te)rra”, é um canto coletivo, polifónico, em compasso lento, quase sempre melancólico, sem recurso a instrumentos e que incorpora música e poesia, associado geograficamente ao Baixo Alentejo, retratando a “ligação umbilical do trabalhador com a terra-mãe”. Ou inteiramente masculino ou feminino, o Cante tem como estrutura musical duas vozes solistas, o ponto e o alto, alternando com um coro, em estrofes repetidas num ciclo o número de vezes que os cantores desejarem. É a expressão de um povo, tradição vernacular única, refletindo a identidade e a história de uma comunidade e de uma região.

Este elo identitário é assumido por Eurico Carrapatoso (1962) e na sua obra *Llaços, contradaças e descantes* (2016), encomenda do Quarteto de Cordas de Matosinhos, que o estreou na Casa da Música, no Porto, a 21 Novembro de 2017. A propósito, diz-nos o compositor que “durante toda a minha vida iria honrar, com a minha música, as minhas origens, a minha memória, a minha identidade, os llaços do meu afecto, e que levaria bem longe o orgulho de ser quem sou por ter nascido onde nasci”.

Dedicado a Maria Pinto Cortez e ao seu Cancioneiro de Serpa (1994), recolha etnográfica incontornável, feito ao longo de uma vida, e profusamente ilustrado pela autora, o *Livro Segundo, op.57, do Novíssimo Cancioneiro* de Nuno Côrte-Real (1971) resulta, também ele, da recolha etnográfica na cidade de Serpa por parte do compositor que, fruto de uma circunstância familiar ocasional, aí passou a sua infância.

Discursos musicais externos multiplicam-se, enquanto roupagem que parecem desviar o Cante da sua identidade e autenticidade. Mas ao contrário do que parece, não desviam nem se sobrepõem. Ao invés da transparência da música de Côrte-Real, deparamo-nos com uma opacidade incaracterística, qual partitura caiada, emulando o branco do casario. Presente-se neste *Livro Segundo* uma rudeza propositada, um canto percussivo e penetrante, que ecoa na serenidade lírica da planície alentejana. É a rudeza dos árduos dias de trabalho, de uma existência de miséria, uma pobreza compassada e dilacerante, que tinha no Cante e na sua poesia, uma expressão e um escape.



PRÉMIO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO DARCOS ^{3ª} EDIÇÃO

COMPOSITOR RESIDENTE SÉRGIO AZEVEDO

18 de julho / sexta-feira, 21:30

Átrio da Câmara Municipal de Torres Vedras
entrada gratuita

L. Janaček (1854 – 1928)

Concertino

I. Moderato

II. Più mosso

III. Con moto

IV. Allegro

2 obras finalistas a concurso

S. Azevedo (n. 1968)

Concertino de Hukvaldy - *estreia absoluta*

I. 1. Fanfary

II. 2. Presto (Um esquilo!)

III. 3. Música de Coreto (Nas termas de Luhačovice)

IV. 4. À procura da Raposa (Leoš)

Nuno Côrte-Real maestro

ENSEMBLE DARCOS

Chegados à 3ª edição do Prémio Internacional de Composição DARCOS, e às duas obras finalistas, a proposta lançada a todos os concorrentes foi a de apresentarem uma composição para um efetivo instrumental invulgar, piano, trompa, clarinete, dois violinos, viola-d'arco e fagote, à semelhança do *Concertino* de Leos Janaček (1854-1928), umas das obras mais emblemáticas da música de câmara da 1ª metade do século XX europeu. Dedicado ao mítico pianista checo Jan Heřman (1886-1946) e estreado a 16 Fevereiro de 1926, em Brno, na Morávia, o *Concertino* foi escrito em 1925, entre Praga e Hukvaldy, a cidade natal do compositor. Anos mais tarde, Janaček descreveria a sua obra nos seguintes termos: o tema do 1º andamento, apenas para piano e trompa, é um "ouriço mal-humorado" num dia de Primavera; o do 2º andamento, para piano e clarinete, um esquilo irrequieto que é engaiolado "para deleite das crianças"; o 3º andamento é uma coruja e outros animais noturnos "contemplando as cordas do piano"; o 4º e último andamento, uma discussão "como num conto de fadas".

O concertino de Janaček é, igualmente, o ponto de partida para o *Concertino de Hukvaldy* de Sérgio Azevedo (1968). Figura destacada da sua geração, doutorado em composição pela Universidade do Minho, e professor na Escola Superior de Música de Lisboa, Sérgio Azevedo é o autor de uma série de obras relacionadas com o compositor moravo, agrupadas num ciclo intitulado Hukvaldy. O concertino, hoje em estreia absoluta, é a 1ª obra de um conjunto de peças de música de câmara. Diz-nos o compositor que "faz referência a Janaček mas de forma oblíqua, raramente citando algo concreto ou mais do que meramente fragmentário (. . .) é o espírito dessas obras e a minha visão das mesmas que se junta à minha própria música de forma inextrincável, produzindo uma música nova que, de certa forma, comunica através do tempo com um passado que é, para mim, muito presente". De notar o III Andamento, *Música de Coreto* (Nas termas de Luhačovice), a cidade termal onde Janaček passava longas temporadas e onde uma parte importante da sua produção musical foi escrita, bem como o IV andamento, *À procura da Raposa* (Leoš), alusão à ópera *A Raposinha Matreira* (1923).

CANTO DE OUTONO

com apresentação de Nuno Côrte-Real

11 de outubro / sábado, 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras
entrada gratuita mediante inscrições

F. Chopin (1810 – 1849)

24 Prelúdios (seleção)

*com poesia de Jorge de Sena, Júlio Pomar,
Herberto Helder, Al Berto, Ramos Rosa
e Ruy Belo*

Vítor D'Andrade declamação

Helder Marques piano

Este é um canto a várias mãos. A um tempo, o lirismo abstrato de Jorge de Sena (1919-1978), Ramos Rosa (1924-2013), Júlio Pomar (1926-2018), Herberto Helder (1930-2015), Ruy Belo (1933-1978) e Al Berto (1948-1997) pela voz inspirada de Vítor d'Andrade. A outro, Helder Marques, com uma seleção dos *24 Prelúdios, op.28*, de Frédéric Chopin (1810-1849).

Obra maior da literatura pianística da cultura ocidental, os *Prelúdios* marcam uma evolução significativa na longa história do género e, de certa forma, orientando os fundamentos e princípios da técnica moderna do piano. Baseando-se no *Das wohltemperierte Clavier* [erroneamente traduzido por O Cravo Bem Temperado, visto a palavra alemã "clavier", no título original, ser um termo genérico para "teclado"] de Johann Sebastian Bach (1685-1750), Chopin seguiu o chamado ciclo das quintas, assim percorrendo as 24 tonalidades maiores e menores da escala cromática. Foram escritos entre finais de 1838 e princípios de 1839, na Cartuxa de Valldemossa, em Mallorca (Espanha), onde o compositor, que sofria de tuberculose, procurara refúgio face ao inverno rigoroso de Paris. Foram dedicados a Camille Pleyel (1788-1855), o célebre fabricante de pianos, que gratificou Chopin com a fabulosa quantia de 2 mil francos. Contrastantes, pela multiplicidade de emoções, texturas e andamentos, entre uma aparente facilidade e um desmesurado virtuosismo, os prelúdios foram descritos pelo mítico compositor Franz Liszt (1811-86) de forma lapidar, "são composições de ordem inteiramente à parte", são prelúdios "imbuídos de poesia", admiráveis pela sua variedade, uma "liberdade de expressão típica das obras de um génio".

Ouviremos o meditativo *Prelúdio n.º 2*, o famoso *Prelúdio n.º 4* (que viria a ser tocado no funeral do compositor), o profundamente harmónico *Prelúdio n.º 9*, o *Prelúdio n.º 13*, invocador do estilo schubertiano, o longo e transcendente *Prelúdio n.º 15*, chamado *Pingo de Chuva*, o *Prelúdio n.º 17* (o favorito dos compositores Schumann e Mendelssohn), o vertiginosamente virtuoso *Prelúdio n.º 18*, o *Prelúdio n.º 20* e a sua impressionante sucessão de harmonias de pendor cadêncial, e o atormentado *Prelúdio n.º 22*, chamado de *Impaciente*.



ESTÁGIO ORQUESTRAL DARCOS

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA
CALOUSTE GULBENKIAN
DE BRAGA

24 outubro / sexta-feira, 21:00
Auditório Adelina Caravana, Braga
entrada gratuita

N. Côrte-Real (n. 1971)

Todo o Teatro é um Muro Branco de Música,
Op.45

D. Shostakovich (1810 – 1856)

Concerto Nº 1 para Violoncelo e Orquestra,
em Mib maior, op.107

I. Allegretto

II. Moderato

III. Cadenza (attacca)

IV. Moderato

W. A. Mozart (1756 – 1791)

Sinfonia nº 41, em Dó maior, K. 551

I. Molto allegro

II. Andante

III. Menuetto: Allegretto

IV. Molto allegro

Filipe Quaresma violoncelo

Nuno Côrte-Real maestro

**ORQUESTRA DO CONSERVATÓRIO
DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN
DE BRAGA**

Após uma 1ª edição (2023), com a Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa e o clarinetista galardoado Telmo Costa, e uma 2ª edição (2024), com a Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, e o reputado violinista francês Gaël Rassaert, eis-nos chegados à 3ª edição do Estágio Orquestral DARCOS, desta feita em parceria com o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, e o consagrado violoncelista Filipe Quaresma. Escrito a 8 de Março de 1914, e publicado no ano seguinte, no 2º e derradeiro número da revista Orpheu, o poema Chuva Oblíqua de Fernando Pessoa é o ponto de partida para o op.45 de Nuno Côrte-Real. A languidez *spleen* que percorre a VI parte do poema, assim como as vívidas memórias de uma infância evocada, são assumidas, musicalmente, por um conjunto de cores de pendor expressionista. Piano e orquestra, ora dialogam ora se confrontam, numa sucessão de ambientes quase hipnóticos.

O *Concerto n.º1 para Violoncelo e Orquestra, em Mib maior, op.107*, de Dmitri Shostakovich (1906-1975) foi escrito entre Junho e Julho de 1959, para o seu ex-aluno, o mítico violoncelista Mstislav Rostropovich (1927-2007), sendo estreado a 4 de Outubro de 1959, em Leningrado [São Petersburgo], com Rostropovich e a Orquestra Filarmónica de Leningrado, sob a direção de Yevgeny Mravinsky (1903-1988). O concerto tem uma estrutura incomum, o 1.º andamento corresponde à I parte e os restantes andamentos à II parte. O *Allegretto* inicial é profundamente dramático, seguido de um 2.º andamento etereamente doce, concluindo num diálogo entre a celesta e o violoncelo. Segue-se a *Cadenza*, a cadência do solista e o último andamento, *Allegro con moto*, síntese do material musical anterior.

Entre Junho e Agosto de 1778, **Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)** escreveria um derradeiro tríptico sinfónico: as sinfonias n.º 39, 40 e 41. Completada a 10 de Agosto, a **Sinfonia n. 41, K.551**, passaria à História com o cognome *Júpiter*, o rei dos deuses da mitologia romana (e o nome dado ao maior planeta do sistema solar). Obra incomparável no seu género, pela mestria absoluta no domínio da forma, da inventividade melódico-harmónica, no genial contraponto que se vai desenrolando ao longo dos seus extraordinários 4 andamentos (particularmente o último, verdadeiro *tour de force* pela sua robusta monumentalidade concluindo com uma fuga a 5 vozes de proporções antológicas), a Sinfonia n.41 assenta numa forma de pensar a expressividade musical já além do estilo Clássico, apontando para soluções que, anos mais tarde, e já pela mão de Ludwig van Beethoven (1770-1827) viriam a ser denominadas por Romantismo.

EUROPA SINFÓNICA

WIENER CONCERT- -VEREIN

ÁUSTRIA

3 de novembro / segunda-feira 19:00
Musikverein Brahms Zaal, Viena

5 de novembro / terça-feira 21:30
Teatro-Cine Torres Vedras
bilhetes à venda nos locais habituais

6 de novembro / quarta-feira 21:00
Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa
entrada gratuita

J. Haydn (1770 – 1827)
Sinfonia nº 44 em Mi menor, "Luto"
I Allegro con brio
II Menuetto e Trio: Allegretto
III. Adagio
IV. Finale: Presto

J. Dowland (1862 – 1918)
I. Come again!
II. Flow, my tears
III. Awake, sweet love
IV. I saw my lady weep
V. Shall I sue
VI. Weep you no more, sad fountains
VII. Time stands still

N. Côrte-Real (n. 1971)
Seleção do ciclo "Agora muda tudo"
com poesia de José Luís Peixoto
I. Ondas na praia
II. Quando me esperas
III. Praga infalível
IV. Banquete invisível
V. A um milímetro da minha pele

Megan Kahtz meio-soprano
Nuno Côrte-Real maestro

WIENER CONCERT-VEREIN

Pela primeira vez em Portugal, a conceituada orquestra austríaca *Wiener Concert-Verein* foi fundada em 1987, com músicos da *Wiener Symphoniker*, reunindo, actualmente, músicos das principais orquestras de Viena, e mantendo uma temporada de concertos na mítica Sala Brahms do *Musikverein*.

Obra-prima da construção e retórica musical, com um discurso de grande impulso emotivo, a *Sinfonia n.º44 em Mi menor, Hob.1:44*, de Joseph Haydn (1770-1827) foi escrita entre 1770-71, para a corte dos Príncipes de Esterházy, da qual era o mestre de capela. Devedora do movimento artístico designado por *Sturm und Drang*, a sinfonia apresenta todas as características desta linguagem: contornos melódicos inesperados, cortes abruptos, contraponto arrevesado, dissonâncias, cromatismos, instabilidade harmónica e uma apetência por dinâmicas contrastantes, assim obtendo mudanças drásticas de ambientes e crescendos de intensidade.

O ciclo *Time Stands Still* resulta de uma encomenda do Centro Cultural de Belém para o Festival Dias da Música, em 2019, aí tendo estreado, a 27 de Abril. A obra consiste em 7 canções do compositor renascentista inglês John Dowland (†1626), orquestradas por Nuno Côrte-Real (1971), intercaladas com 7 interlúdios instrumentais, dedicados a amigos do seu universo pessoal. Como então afirmou Côrte-Real, "Apesar de já estarmos longe desse período da História, há, porém, uma certa melancolia nas entrelinhas do nosso tempo que tornam estas canções vivíssimas". No concerto de hoje, ouviremos apenas as sete canções de Dowland, como uma nova orquestração, num idioma sonoro próximo do espírito do classicismo vienense.

Igualmente estreado no Centro Cultural de Belém, o ciclo *Agora muda tudo* foi escrito em 2017, para comemorar o décimo aniversário da Temporada DARCOS. Agraciado com o Prémios Autores SPA de 2018, o ciclo é o resultado do encontro de Nuno Côrte-Real com a poesia original de José Luís Peixoto (1974) e a voz da cantora de jazz internacionalmente aclamada, Maria João (1956). Especialmente rearranjado para o *Wiener Concert-Verein*, ouviremos cinco das 12 canções originais: I. *Ondas na praia* (3) / II. *Quando me esperas* (5) / III. *Praga infalível* (9) / IV. *Banquete invisível* (7) / V. *A um milímetro da minha pele* (10).



GRANDES QUARTETOS II

6 de dezembro / sábado, 19:00

Museu Nacional de História Natural e da Ciência,
Lisboa

entrada gratuita

7 de dezembro / domingo, 17:00

Hotel Golf Mar, Porto Novo, Torres Vedras

entrada gratuita

H. Villa Lobos (1887 – 1959)

Quarteto de cordas N.º 5 “Popular”

I. Poco andantino

II. Vivo e energico

III. Andantino - tempo giusto e ben ritmado

IV. Allegro

Vasco Mendonça (n. 1977)

Caged Symphonies

M. Ravel (1875 – 1937)

Quarteto de cordas em Fá maior

I. Allegro moderato - très doux

II. Assez vif - très rythmé

III. Très lent

IV. Vif et agité

ENSEMBLE DARCOS

Autor de 17 quartetos de cordas (entre 1915 e 1957), uma das maiores séries de quartetos do século XX, Heitor Villa-Lobos (1887-1959) é considerado o mais importante compositor brasileiro de todos os tempos. Figura peculiar pela multiplicidade de referências convocadas, de Haydn a Bach, passando pelo folclore brasileiro e pela música indígena, Villa-Lobos desenvolveu um estilo musical híbrido dificilmente adjetivado. O *Quarteto de Cordas n.º5* foi escrito em 1931, no rescaldo da Revolução de 1930, que impediu Villa-Lobos de regressar a Paris, onde residia de forma intermitente desde 1927. Ao longo dos 4 andamentos deste quarteto, uma sucessão imparável de melodias e ostinatos rítmicos sucedem-se, sem qualquernexo, a não ser a vívida simplicidade e o virtuosismo do contraponto que as rodeia, numa caminhada frenética até ao compasso final.

Figura destacada da sua geração, e um dos compositores portugueses de maior renome além-fronteiras, Vasco Mendonça (1977) tem um *corpus* musical diversificado e, até certo ponto, utópico, numa cacofonia que mergulha o ouvinte numa planície transbordante de imagens criativas que se complementam e anulam, um processo criativo baseado na "confusão e dúvida", segundo o próprio. Disto é exemplo a obra *Caged Symphonies* (2008) – *Fluxo, Responsório e Mecanismo*, encomenda da Câmara Municipal de Matosinhos, estreada a 18 Novembro de 2008, no Cine Teatro Constantino Nery, pelo Quarteto de Cordas de Matosinhos. A um lirismo dramático, que vai surgindo em jeito de responsório, em fluxos sonoros ondulantes, sobrepõe-se ostinatos rítmicos mecânicos e sonoridades difusas, numa simbiose singular.

Obra fulcral do desenvolvimento do género no contexto da música de câmara, em meados do século XX, o *Quarteto de cordas em Fá maior* de Maurice Ravel (1875-1937) foi completado em 1903 e dedicado a Gabriel Fauré (1845-1924), o seu mestre de composição no Conservatório Nacional de Paris. Considerado como a sua 1.ª obra de maturidade, o quarteto viria a ser estreado a 5 de Março de 1904, na Sociedade Nacional de Música de Paris, pelo Quarteto Haymann. Ainda que se pressinta a influência do *Quarteto de cordas, op.10*, de Claude Debussy (1862-1918), Ravel apresenta texturas musicais mais claras e uma organização formal devedora do Neoclassicismo. O 1.º andamento, em forma sonata, transborda de lirismo, por oposição ao 2.º andamento, evocativo de uma orquestra de gamelan de Java, Indonésia. O 3.º andamento retoma fragmentos do andamento inicial, com um panejamento harmónico diverso, assim como o 4º andamento, de pulsar vigoroso e turbulento.



**Fundada em janeiro de 2022,
a Égide é uma associação sem
fins lucrativos ao serviço da cultura
e do desenvolvimento social.**

Siga a nossa programação e apoios em:

www.egideartes.pt

e nas redes sociais



A Égide é mecenas da Temporada Darcos

MASTERCLASSES

11 e 12 março

ESML - Lisboa

Massimo Spadano violino

20 e 21 outubro

Conservatório de Música

Calouste Gulbenkian de Braga

Filipe Quaresma violoncelo

20 e 21 outubro

Conservatório de Música

Calouste Gulbenkian de Braga

Nuno Côrte-Real composição

7 e 8 de novembro

Escola Artística de Música

do Conservatório Nacional de Lisboa

Megan Kahts canto



HOTEL GOLF MAR
VIMEIRO

EXPERIÊNCIA OCEÂNICA E SENSORIAL

De frente para o oceano, em pleno litoral oeste e a apenas 50 quilómetros de Lisboa, no Hotel Golf Mar encontra tudo aquilo de que necessita para umas férias ímpares em família ou um memorável retiro romântico.



 [hotelfolmar](https://www.instagram.com/hotelfolmar)
[hotelfolmarvimeiro.pt](https://www.hotelfolmarvimeiro.pt)



EUROPA SINFÓNICA EM DIGRESSÃO

PILSEN PHILHARMONIC
ORCHESTRA
REPÚBLICA CHECA

20 de fevereiro / quinta-feira, 19:00
Měšťanská beseda, Pilsen, República Checa

R. Wagner (1813 – 1883)

Prelúdio e Transfiguração (da ópera *Tristão e Isolda*)

I. Prelúdio

II. Transfiguração de Isolda

N. Côrte-Real (n. 1971)

Três poemas de Mário de Sá Carneiro, op.69

I. A Inegalável

II. A Sala do Castelo

III. Fim

R. Schumann (1810 – 1856)

Sinfonia N° 4, em Ré menor, op. 120

I. Andante con moto - Allegro di molto

II. Romanza: Andante

III. Scherzo: Presto

IV. Largo - Finale: Allegro vivace

Sílvia Sequeira soprano

Nuno Côrte-Real maestro

PILSEN PHILHARMONIC ORCHESTRA



TEMPORADA DARCOS 2025

direção artística

Nuno Côrte-Real

consultoria

Afonso Miranda

textos

José Bruto da Costa

produção executiva

Bruna Moreira

assistente de produção

Ricardo Ventura

gestão de apoios

Jorge Reis

relações públicas e assessoria de imprensa

Débora Pereira

contabilidade

Luís Silvestre

imagem gráfica

Olga Moreira

a partir de pintura de Xavier Loureda

comunicação e imagem

Câmara Municipal de Torres Vedras

ORGANIZAÇÃO



ESTRUTURA FINANCIADA POR



APOIO INSTITUCIONAL



Embaixada da República Federal da Alemanha Lisboa

PARCEIROS



UNIVERSIDADE DE LISBOA



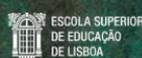
HOTEL OFICIAL



APOIO À COMUNICAÇÃO



APOIOS



temporadadarcos.com